

Os Desafios da Representação: Poéticas e Políticas de Leitura Descolonial

Representational Challenges: De-Colonial Readings Poetics And Politics

SIMONE PEREIRA SCHMIDT*

RESUMO: TOMANDO COMO PONTO DE PARTIDA A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS PARA A CRÍTICA FEMINISTA CONTEMPORÂNEA, ESTE ARTIGO PRETENDE EXAMINAR COMO SE ARTICULAM ASPECTOS DE GÊNERO E RAÇA NA REPRESENTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE MULHERES EM DOIS ROMANCES: *BECOS DA MEMÓRIA*, DA ESCRITORA BRASILEIRA CONCEIÇÃO EVARISTO E O *ALEGRE CANTO DA PERDIZ*, DA MOÇAMBICANA PAULINA CHIZIANE. ATRAVÉS DESSA BREVE LEITURA COMPARATIVA, O TEXTO ASSINALA SUA OPÇÃO POR UMA CRÍTICA DESCOLONIAL, NO ÂMBITO DOS SISTEMAS CULTURAIS ATRAVESSADOS PELA HERANÇA DO COLONIALISMO PORTUGUÊS.

ABSTRACT: BASED ON THE CONTRIBUTION OF POSTCOLONIAL STUDIES FOR CONTEMPORARY FEMINIST CRITIQUE, THIS PAPER INTENDS TO DISCUSS GENDER AND RACE REPRESENTATIONS OF WOMEN'S EXPERIENCE IN TWO NOVELS: THE BRAZILIAN WRITER CONCEIÇÃO EVARISTO'S *BECOS DA MEMÓRIA*, AND O *ALEGRE CANTO DA PERDIZ*, FROM THE MOZAMBICAN WRITER PAULINA CHIZIANE. THROUGH THIS BRIEF COMPARATIVE READING, THIS ARTICLE UNDERSCORES ITS OPTION FOR A DECOLONIAL CRITIQUE, SITUATED WITHIN CULTURAL SYSTEMS CROSSED BY THE HERITAGE OF PORTUGUESE COLONIALISM.

PALAVRAS-CHAVE: GÊNERO; RAÇA; CRÍTICA PÓS-COLONIAL; CONCEIÇÃO EVARISTO; PAULINA CHIZIANE.

KEYWORDS: GENDER, RACE; POSTCOLONIAL CRITIQUE; CONCEIÇÃO EVARISTO; PAULINA CHIZIANE.

* Professora Associada I da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Teoria Literária (PUCRS).

No amplo horizonte histórico que se constitui desde o colonialismo nos países africanos de língua portuguesa, um dos temas que se destacam em sua literatura é o das relações étnico-raciais. Ao lermos seus autores, verificamos que se trata de uma preocupação que motiva parte significativa de suas obras, mostrando-se assim, para a crítica, como um fértil campo de investigação¹.

Herdeiro da tradição oitocentista de pensamento científico sobre a raça, que atuou fortemente como ideologia de sustentação dos empreendimentos nacionalistas, por um lado, e expansionistas e colonizadores por outro, o Estado Novo português, instituído por Salazar nas primeiras décadas do século XX, amparou-se num discurso fortemente marcado pelo nacionalismo, e imbuído do sentido missionário da expansão ultramarina, para sustentar sua empresa colonial em território africano. Aprofundando um discurso assentado sobre a diferença racial entre colonizador e colonizado, o Estado Novo salazarista empreendeu, a partir dos anos 1930, uma ação colonizadora decalcada sobre a grandeza da nação no passado marítimo, lançando-se rumo ao projeto de reconquista da glória passada. Tal projeto visava “irmanar” a todos – povos colonizados e metrópole colonizadora – sob a tutela “generosa” do Estado e de seu chefe. Uma legislação fortemente intervencionista, aliada a uma prática política de cunho autoritário e paternalista, são características da atuação do governo salazarista nas colônias portuguesas nas primeiras décadas do século XX. As marcas deixadas por semelhantes práticas são visíveis até hoje nas culturas das ex-colônias.

Tais vivências – da segregação racial mais evidente ou velada, da imposição de leis que restringiam a cidadania e a ascensão social das populações dos países africanos – encontram forte representação na literatura desses países. São temas que continuam a ecoar nas páginas dos livros, muito além do período colonial. Na literatura que hoje se produz em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, questões derivadas dos problemas raciais vividos no regime colonial, bem como as tensões que, no

1 Outras versões da discussão desenvolvida neste artigo foram apresentadas no Colóquio Internacional *Percursos, Trilhos e Margens: recepção e crítica das literaturas africanas em língua portuguesa*, organizado pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (Lisboa, 2011) e no XXX International Congress of Latin American Studies Association (LASA). (San Francisco, 2012). Outra versão foi apresentada para publicação no *Anuário de Literatura* (UFSC), e encontra-se no prelo.

período pós-independência ocorreram como desdobramentos da época colonial, constituem matéria viva na relação entre autores e leitores. Dentre as questões mais frequentemente evocadas nos textos literários encontram-se a memória da segregação racial, a assimilação, a mestiçagem, os conflitos étnicos e seus dramáticos desdobramentos nas guerras civis contemporâneas.

Questões como essas, que se mostram ainda tão vívidas na esteira de uma história colonial que se deseja superar, podem ser compreendidas através da concepção, formulada por Aníbal Quijano, de colonialidade de poder. Tomando esse conceito como referência, Maria Lugones afirma que a colonialidade, cujo nascimento se acha estreitamente ligado ao colonialismo, estende e prolonga seus efeitos. Tais efeitos não se restringem às questões raciais, mas permeiam, segundo a autora, “todo o controle do sexo, a subjetividade, a autoridade e o trabalho” (Lugones, 2008, p. 20-21). Walter Mignolo, dialogando com as reflexões de Lugones, assinala que o processo colonial esteve ancorado sobre dois vetores fundamentais, que foram o patriarcado e o racismo (Mignolo, 2008, p. 9). Se pensarmos em termos das permanências da matriz colonial, encontramos no pensamento feminista pós-colonial a ideia da interseccionalidade (Crenshaw, 2002), que compreende que as categorias de gênero e raça se entrelaçam inextricavelmente na constituição do que Maria Lugones chama o “sistema moderno-colonial de gênero” (Lugones, 2008, p. 16).

Seguindo essa linha de pensamento, é necessário que se proponha uma política de leitura descolonial, que leve em conta a tarefa de examinar os modos como se tramam as relações de poder na esteira das histórias coloniais. De que modo podem as teorias feministas contribuir para que essa tarefa seja realizada? Num esforço para responder a essa e a outras questões, desejo colocar em diálogo os sistemas culturais africanos de língua portuguesa² e brasileiro, com o intuito de rastrear alguns modos através dos quais a interseccionalidade de gênero e raça se fazem ali presentes.

Se dirigirmos nosso foco para o contexto brasileiro, encontraremos, especialmente a partir dos anos 1990, o debate sobre a necessidade de se rever o

2 A abrangência que aqui se confere à ideia de “sistemas culturais africanos” quer remeter às conexões que se podem estabelecer entre as culturas dos diferentes países africanos de língua portuguesa, sem que se perca a dimensão de sua pluralidade

apagamento, até então predominante, de representação das mulheres negras nos discursos culturais em geral. Com escasso acesso ao ambiente acadêmico, mas fortemente vinculadas aos movimentos sociais, as feministas negras brasileiras tiveram que percorrer um caminho muito particular, de afirmação de sua presença em espaços onde não eram percebidas, além de se contrapor a algumas construções discursivas de grande poder em nossa cultura, tais como o mito da mestiçagem como fator de democracia racial e o elogio da mulata como elemento simbólico da “cordialidade”, sexual e racial, sobre a qual se assentam tais discursos.

Ora sabemos, por muitas leituras, o quanto a miscigenação atuou no processo colonial, significando a incorporação dos colonizados ao “projeto civilizatório”. Gilberto Freyre foi possivelmente o autor a conferir mais peso à miscigenação como elemento positivo da colonização. Como comenta Os mundo Pinho, “Freyre reconduz o Homem Branco ao centro dos dinamos coloniais e deixa claro que o projeto miscigenado significa a vitória da ocupação portuguesa nos trópicos” (Pinho, 2004, p. 99). Assim, em muitos sentidos, produzir a civilização se iguala, segundo Pinho, a “fazer sexo” (idem, p. 101). Mas o sujeito desta sexualidade, como lembra o autor, será sempre o homem branco, espécie de “civilizador erótico” (idem, p. 102). Segundo essa lógica, o mestiço, mesmo que supostamente exaltado dentro do “modo português” de escrever a história colonial-patriarcal, resume-se a ser um dejetivo, conforme observa Denise Ferreira da Silva (Silva, 2006, p. 82), uma vez que o elemento negro tende ao apagamento dentro do projeto da mestiçagem (idem, p. 70). Nesse processo, o mestiço será forçosamente “um sujeito social precário” (idem, p. 74). Em resumo, como destaca a autora, no encontro de corpos femininos negros e corpos masculinos brancos, operado pela lógica erótica do patriarcalismo colonial português, só o homem branco europeu é efetivamente sujeito do desejo e da História.

Sueli Carneiro se destaca como uma das intelectuais negras que se dedicaram a mostrar a importância de se articular gênero e raça na produção de um pensamento feminista contemporâneo no Brasil. Denunciando aquilo que considera o viés eurocêntrico do feminismo brasileiro, a autora evoca “toda uma história de resistências e de lutas”, em que as mulheres negras têm sido protagonistas “graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral” (Carneiro, 2002, p. 191). Essa história, tornada invisível nos processos de cano-

nização letrada da historiografia brasileira, omite, segundo Sueli Carneiro, a centralidade da questão racial nas hierarquias de gênero presentes em nossa sociedade, assim como universaliza valores de uma cultura particular (ocidental e burguesa) para o conjunto das mulheres – sem levar em conta os aspectos de dominação e violência que historicamente caracterizaram as relações entre brancos e não brancos.

Partindo da compreensão de que o feminismo lança uma luz sobre os estudos pós-coloniais no sentido de ajudar a perceber as intersecções existentes entre gênero e raça na experiência colonial e em seus desdobramentos em termos de uma colonialidade do poder, gostaria de investigar os modos de articulação dessas duas categorias tão vivamente presentes nas histórias coloniais e pós-coloniais sobre as quais se constroem os sistemas culturais de países como os africanos de língua portuguesa e o Brasil. Tratam-se de sistemas culturais que compartilham, ainda que em sentidos muito diversos, específicas injunções de gênero e raça ligadas ao “modo português” de escrever a sua história colonial-patriarcal-escravocrata. Nesse sentido, dedico-me à leitura, ainda que breve, de dois textos muito representativos dos temas que aqui se discutem: os romances *Becos da memória*, da brasileira Conceição Evaristo, e *O alegre canto da perdiç*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane.

Em *Becos da memória*, o elemento que de imediato identificamos como central é a questão da representação. O romance inicia deixando claro quem são os sujeitos que se pretende representar. Ao evocar, no texto que abre a narrativa, as pernas “cansadas, suadas, negras” das lavadeiras que madrugavam para o trabalho, o pacto da representação é assumido pela autora: a escrita, como afirmou Donna Haraway (1994, p. 275), é um jogo mortalmente sério, porque o que está em questão é justamente a possibilidade (ou a negação) da representação. Por isso, como afirma Haraway, “as disputas envolvendo os diversos significados atribuídos à escritura representam uma forma fundamental de luta política contemporânea” (1994, p. 275). A quem se representa, e como se representa são, portanto, questões cruciais para o discurso literário, visto aqui, numa imagem que nos remete a Bakhtin (1981), como uma arena em que disputam constantemente as diversas forças políticas em que se constituem os grupos sociais. Especialmente num país como o Brasil, no qual a questão da representação se mostra ainda tão problemática. Dar corpo à representação dos moradores da favela, caminhando em sentido contrário

ao dos estereótipos que se colam à pele dos subalternos em nossa sociedade, é, portanto, uma estratégia de grande impacto político e cultural, já que permite ao leitor brasileiro, desamparado de uma tradição de representação das diferenças sociais e raciais em nossa cultura, aprender, como sugere Regina Dalcastagnè (2008, p. 216) “um pouco do que é ser negro no Brasil”, e do que “significa ser branco em uma sociedade racista”.

Para a construção de seu romance, a autora tomará como mote a estrutura sinuosa e múltipla dos becos da favela, que, percorridos pela narradora, mostram-se, a um só tempo, iguais e diversos, múltiplos, tortuosos, promissores, cheios de histórias de vida. A narrativa que a partir de então se desdobra é feita de pequenos relatos, breves histórias de vida de muitos personagens, homens, mulheres e crianças da favela. Nesses relatos vemos posta em prática a perspectiva benjaminiana de história (Benjamin, 2010), que privilegia o fragmento sobre a totalidade, a alegoria sobre o símbolo, dentro de uma compreensão mais profunda de que a história, tradicionalmente divulgada na perspectiva dos vencedores, pode ser escrita a contrapelo, dando vez a versões pequenas, mínimas, fragmentárias de vidas comuns, nem heroicas nem exemplares, pequenas vidas de personagens em cujos percursos se conjugam derrotas advindas de sua condição social, racial e de gênero. É nesse sentido que o trabalho das lavadeiras ocupa posição central na narrativa, sintetizando a atividade incansável dos corpos das mulheres da favela, em constante esforço de gerar e garantir a vida, enfrentando pobreza e violência. Corpos que atuam, por vezes, como único capital simbólico dos sujeitos negros, como assinalou Stuart Hall, identificando nesses corpos verdadeiras “telas de representação” de sua experiência (Hall, 2003, p. 342). São todas personagens femininas que atualizam, em suas histórias de vida e em seus próprios corpos, uma relação repetidamente evocada na narrativa: a aproximação entre senzala e favela.

Essa relação, senzala-favela, se atualiza no romance de duas formas. Primeiramente, na memória da escravidão, frequentemente relatada pelos mais velhos, em histórias nas quais rememoram sua infância passada em fazendas, senzalas, plantações e enfrentamentos com os sinhôs. Num segundo plano, o mais vívido no romance, a relação da senzala com a favela se atualiza na geografia dos becos nos quais se vivencia a condição subalterna dos seus moradores. Através desse fio que une o passado colonial e escravocrata com as profundas desigualdades vivenciadas na pele pelos descendentes dos escravos nas cidades de hoje,

uma outra história da literatura brasileira, e de seus personagens, sem dúvida está a ser feita neste momento. Atando as duas pontas deste fio de memória de uma herança tão silenciada quanto não resolvida em nossa história, a literatura que presentifica essa perturbadora relação, senzala e favela, nos permite encontrar, como afirma Eduardo de Assis Duarte, “uma história de superação vinda dos antepassados, a partir de uma perspectiva identificada com a visão do mundo e com os valores do Atlântico Negro” (Duarte, 2009, p. 346). No corpo das mulheres negras, cujas histórias se destacam na profusão de narrativas que compõem o romance, se atualiza essa ligação entre o passado colonial e o presente povoado de heranças coloniais por resolver.

Se nos voltarmos, por outro lado, para o romance de Paulina Chiziane, encontramos o corpo feminino ocupando lugar central na narrativa, associado simbolicamente à terra invadida e apropriada pelo colonizador, mas também generosa e abençoada em sua fertilidade.

Se para as personagens de *Becos da memória* as condições adversas vivenciadas no dia a dia da exclusão social revelam sua fragilidade e evidenciam a necessidade de se submeterem a condições injustas e desumanas de trabalho, para a personagem do romance de Paulina Chiziane, o “lugar” a partir do qual sua exclusão toma forma, acarretando a constatação de seu não pertencimento, é seu próprio corpo, ponto de encontro das tensões racializadas/sexualizadas construídas a partir das relações coloniais.

A contraparte do corpo mitificado da mulher, associado à terra e à natureza, será, na narrativa de Chiziane, o corpo feminino transformado em mercadoria. Nesse sentido, o romance nos traça uma espécie de genealogia da subalternidade feminina através da mercantilização de seu corpo, desde Serafina que vende a virgindade de sua filha Delfina, a qual, por sua vez, entregará também a juventude de Maria das Dores ao curandeiro Simba, em troca de ajuda e proteção. O corpo erotizado e posto à venda pode ser compreendido dentro da lógica de apropriação e subordinação dos colonizados no regime colonial. Dentro dessa lógica, vale lembrar a pesquisa de Adriana Piscitelli (1996), que atualiza esse tema, embora variando o enfoque e o contexto (já que aborda o turismo sexual no Brasil). Segundo a autora, “dois fatores fundamentais empurram as meninas para a prostituição: a situação estrutural de extrema pobreza e uma configuração particular e altamente desigual de gênero. Esta se expressa na erotização de corpos femininos muito jovens

e na violência sexual da qual são vítimas as meninas”. Compreender como o gênero opera nesse quadro, segundo Piscitelli, “exige vinculá-lo a outras diferenciações, particularmente “cor” e “nacionalidade”” (Piscitelli, 1996, p. 21). Em outras palavras, é preciso compreender como a lógica monetária que subordina os corpos femininos está intrinsecamente vinculada ao colonialismo, tendo como suas evidências mais concretas a cor (mulheres negras são o objeto do desejo sexual de homens brancos) e a nacionalidade. Como afirma Sueli Carneiro (2002, p. 169), “em toda situação de conquista e dominação de um grupo humano sobre outro, é a apropriação sexual das mulheres do grupo derrotado pelo vencedor que melhor expressa o alcance da derrota”. Portanto, a posse do corpo da mulher africana constitui elemento de grande significado no imaginário colonial europeu.

Essa é a ligação que, segundo entendo, se estabelece entre dois momentos e espaços diversos, ou seja, a experiência das mulheres negras representadas por Conceição Evaristo em *Becos da memória*, e a experiência das personagens femininas em *O alegre canto da perdiç*.

Em sua condição de mulheres “de cor” em posições de subalternidade, as personagens redesenam, com seus corpos e sua experiência os impasses vividos pelos colonizados, numa condição histórica com indelével poder de permanência, segundo Edward Said, quando afirma que “ter sido colonizado” é “uma sina com conseqüências duradouras, injustas e grotescas”, que significa ser “potencialmente muitas coisas diferentes, mas inferiores, em muitos lugares diferentes, em muitos momentos diferentes” (Said, 2003, p. 115-116).

Revelam-se assim algumas das complexas permanências da situação colonial no mapa das relações contemporâneas, especialmente no que se refere ao caráter sexualizado/gendrado/racializado do sujeito feminino, periférico e subalterno.

As personagens, do romance de Conceição Evaristo e do romance de Paulina Chiziane, trazem em sua experiência as marcas daquilo que Margarida Calafate Ribeiro considera, na leitura da obra poética de Paula Tavares, uma condição de dupla colonialidade, na qual se encontram duplamente silenciadas: “silenciadas pela condição de subalternidade no seio da diferença imposta pela colonialidade e silenciadas pela condição de subalternidade vivida no seio da diferença sexual” (Ribeiro, 2008, p. 98-99). Como resposta a esse silenciamento, podemos pensar nos textos dessas autoras como estratégias

estéticas e políticas de representação. Ao propor uma representação no sentido inverso da colonialidade do poder, as autoras reivindicam também de seus leitores uma prática de leitura descolonial.

O sentido que damos aqui ao descolonial é aquele proposto por Walter Mignolo, ou seja, aquele que convoca os subalternos a “pensar a partir das línguas e das categorias de pensamento não incluídas nos fundamentos dos pensamentos ocidentais”. Em outras palavras, a opção descolonial significa “aprender a desaprender (...), já que nossos (um vasto número de pessoas ao redor do planeta) cérebros tinham sido programados pela razão imperial/ colonial” (Mignolo, 2008, p. 290). Essa razão colonial, ancorada nos princípios do racismo e do patriarcado, forjou o pensamento estruturador das ideias de modernidade e civilização na história da dominação ocidental sobre o resto do planeta.

No “resto do planeta”, pulsam a vida, as ideias e os sonhos de muitos homens e mulheres, como Paulina Chiziane, que nesse seu romance proclama o poder emancipatório de uma “consciência mestiça”, tal como foi formulada por autores como Gloria Anzaldúa, cuja proposição é lembrada por Mignolo em suas reflexões sobre as epistemologias descoloniais. Vale lembrar aqui as palavras de Anzaldúa ao se proclamar uma “nova mestiça”, um *amasamiento*:

(...) estou participando da criação de uma outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam um/a ao/a outro/a e ao planeta. Soy un *amasamiento*, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados (Anzaldúa, 2005, p. 708).

Os “novos significados” formulados pelo sujeito mestiço estão ligados, segundo Mignolo, não à questão biológica, mas a um lugar “fora” da filosofia ocidental, no qual se produz um conhecimento outro, que agrega a natureza, a memória das civilizações do passado e suas cosmologias e línguas (Mignolo, 2008, p. 303). Um lugar, enfim, em que se produza um texto que fale, de outro modo, aquilo que não foi dito, o que ficou em gérmen, à espera de uma voz. Escritoras como Paulina Chiziane e Conceição Evaristo são algumas das vozes que enunciam o que ficou por dizer – aquilo que povoa e apaga o silêncio de séculos.

Referências bibliográficas

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, UFSC, Florianópolis, vol. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Sandra G. (orgs). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Ed. 34, 2002.
- CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiçã*. Lisboa: Caminho, 2008.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, UFSC, Florianópolis, vol 10, n. 1, p. 171-188, jan-jun. 2002 .
- DALCASTAGNÈ, Regina. Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Gragoatá*, UFF, Niterói, n. 24, p. 203-219, 1 sem. 2008.
- DUARTE, Eduardo. Na cartografia do romance afro-brasileiro, Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. In: TORNQUIST, Carmen S. et al. (org.). *Leituras de resistência: corpo, violência e poder*. Florianópolis: Mulheres, 2009. vol. I. p. 325-348.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.
- HALL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura negra?. In: _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. p. 335-349.
- HARAWAY, Donna. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 1980. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 243-288.
- LUGONES, María. Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial. In: MIGNOLO, Walter (org.). *Género y descolonialidad*. Buenos Aires; del Sino, 2008. p. 13-54.
- MIGNOLO, Walter. Introducción: Cuáles son los temas de género y (des)colonialidad?. In: _____. (org). *Género y descolonialidad*. Buenos Aires; del Sino, 2008. p. 7-12. (a) _____. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras*, UFF, Niterói, n. 34 (Dossiê Literatura, língua e identidade), 2008, p. 287-324. (b)
- PINHO, Osmundo de Araújo. O efeito do sexo: políticas de gênero, raça e miscigenação. *Cadernos Pagu*, UNICAMP, Campinas, vol. 23, p. 89-119, jul.-dez/2004.

- PISCITELLI, Adriana. “Sexo Tropical”: comentários sobre gênero e “raça” em alguns textos da mídia brasileira. *Cadernos Pagu*, UNICAMP, Campinas, vol. 6-7, p. 9-33, 1996.
- RIBEIRO, Margarida Calafate. Outros poderes, outros conhecimentos – Ana Paula Tavares responde a Luís de Camões. *Gragoatá*, UFF, Niterói, n. 24, p. 89-100, 1 sem. 2008.
- SAID, Edward. A representação do colonizado: os interlocutores da antropologia. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 114-136.
- SILVA, Denise Ferreira da. À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo. *Revista Estudos Feministas*, UFSC, Florianópolis, vol. 14, n° 1, p. 62-83, jan-abr. 2006.